

guerra

Deus é um fenómeno local. Varlu conforme o clima. Cristo já o constatara. "Eu não fui enviado senão as ovelhas que pereceram na casa de Israel." (Matheus, 10, 6).

Nos, somos da fuzura. Aceitamos a guerra. Queremos a guerra. "que loulas sont pour le pechie da siecle dont notre seigneur Dieu, pour le pugir peruel les guerres, car ainsi le mantient l'escriture", conforme asaverava o candilissim Bonet.

Profeta gulososo era Jesus Cristo! Veiu para salvar os judeus e foram os judeus — exatamente — os unicos que não quiseram ser salvos.

Contra a moral convencional, moral nenhuma. O problema do europeu desperado é não sofrer. O nosso é gozar. Ganhamos longe. Sabemos que a Igreja é um instrumento de dominação politica, e nada mais.

Vae haver prantos e ranger de dentes. O nosso troféo classico: o cracuo do inimigo. JAPY-MIRIM

A pedidos (com varios dias de atraso)

Na residência do sr. Y. de A. P. a avenida Brigadeiro Lutz Antonio, realizou-se, ha dias, uma festa em homenagem ao poeta academico Alberto de Oliveira. Nessa festa tomaram parte os "modernistas" Mario de Andrade, Paulo Prado, Guilherme de Almeida, Couto de Barros e Antonio de Alcântara Machado. O sr. Alberto de Oliveira divertiu-se imensamente a custa deles. JABOTTI

nos... pelas costas, eu nós... cegos. O sr. Antonio de Alcântara Machado, o nosso França Junior, escreveu no "Diário de S. Paulo" um artigo soh o inodesto titulo de "Nós e eles". E o caso dos perguntarmos ao sr. Alcântara: — Nós, quem? Nós, as casacas de ferro de Anchieta? Nós, os raxas d'oculos? Nós, os moradores da rua Sebastião Pereira? Ora, tire o cavallo da chuva. BRAZ BEXIGA

dom de profecia. O sr. Guilherme de Almeida pode não ser poeta. Mas que é profeta, é. Nun de seus primeiros atentados poeticos, o Pierre Louis de cellululite disse assim: "Morrer... Pelos caminhos. Ir... branco, ir muito frio, ir de roupinha nova. As mãos em cruz, o olhar de vidro, os pés junthinos: Ir assim para a cová? Pois não foi assim mesmo que o sr. Guilherme foi para a cová: de roupinha nova ("Raça") e de pés junthinos? Depois dizem que ninguém é profeta em sua terra! JULIO DANTE

declaração. Desapparece desta seção, onte todos os domingos vinha lendo sua valiosa colaboração, ao movimento, o pae de familia cristão, que é um dos mais influentes elementos com que contava o outro lado. Temos a registrar, do inimigo muito contentes, que o referido fulano passou para o nosso lado. O pae de familia agora convertido passará a aparecer em nossas colunas com a sua verdadeira nome. A redação desta pagina considera a conversão do pae de familia cristão como um dos passos mais importantes até hoje dados no sentido de regeneração dos nossos costumes. E espera que venham outros, que este, o primeiro, já foi comido. — J. B. GUSMÃO

revista de antropofagia

(orgão do clube de antropofagia)

(2.ª denteição -- 4.º numero)

ALGUMAS NOTAS SOBRE O QUE JA SE TEM ESCRITO EM TORNO DA NOVA DESCIDA ANTROPOFAGICA NA NOSSA LITERATURA. (Remetido da Sucursal do Rio pra cá)

I) — "Antropofagia é o culto a esfínter instintivo da terra nova. É a reedução, a canção, o idealismo importado para ascensão dos totens raciaes. É a propria terra da America filtrando, expressando através dos temperamentos vassallos dos seus artistas." (Oswald de Andrade). Não nasceu de sua intencionalidade. Essa nasceu de si mesma e vem desde os primeiros tempos. Já Cyriano dizia: "Nulla salus extra ecclesiam."

Europa, do povo, brasileiro. Os antropofagos preferem ficar com este, contra aquela. Em função do manelculo, do europeu descontente, do bom aventureiro insubordinado pelo indio, e contra a mentalidade reinol, contra a cultura occidental, contra o governador, contra o escrivão, contra o Santo Officio. E assim tem a certeza de construir, no Brasil, a grande nação brasileira. Porque a descida antropofagica não é uma revolução literaria. Nem social. Nem politica. Nem religiosa. Ela é tudo isso no mesmo tempo. Da ao homem o sentido verdadeiro da vida, cujo segredo está — o que os salubres ignoram — na transformação do tabu em totem. A autoridade exterior, o melhor a interdição climaterica no mais largo sentido, é o tabu. Que é a antropofagia? A absorção do ambiente.

II) — Os antropofagos não são modernistas. Para eles se torna plenamente inutil rejuvenecer uma mentalidade que não os satisfaz. (Todas as nossas rebeliões, todas as nossas reacções — continua Oswald de Andrade — costumam ser feitas dentro do bonde da civilização importada. Precisamos saltar do bonde precisamos queimar o bonde). Mas também não são primitivistas. Oswald Costa esclarece: — Não se deve confundir volta ao estado natural (o que se quer) com volta ao estado primitivo (o que

não interessa). O que se quer é a simplicidade e não um novo codigo de simplicidade. Naturalmente, não maniamos do bon tom. Contra a beleza cromatica, a beleza natural, feia, bruta, agreste, barbara, floresta. Instinto contra verniz. O selvagem sem as misturas da civilização. Sem a vida, sem sequer a presença da existencia da divida: nu, natural, antropofago". Essa abstração da divida é que nutria a parte, por assim dizer, hostilizadora da filosofia antropofagica. Porque a verdade é que os antropofagos não têm a preocupação essencial de ir contra a religião. O que eles não admitem é a reza e a fradaria com chaves do "tudo" e do "nada". Para eles "toda legislação é perigosa". E os proprios preconceitos também. Quando os selvagens brasileiros deglutiram D. Pedro Sardinha nem suspetaram que ele fosse bispo. Começam o embuho, o invasor. Hoje, como homem, os antropofagos não possuem questões de conha pessoal: — é a carne, e a ideia.

O problema religioso já mereceu, alias, uma formula concisa: Raul Bopp, em longa carta divulgada no Paraná, por J. Ruyndy Manfredini, fala das "já bem fundas raizes do catolicismo no Brasil". E conclue adiante: Mas, com quatro seculos de sol dessas latitudes, o nosso povo foi fazendo uma reencarnação de seus ateismos e sumas teologicas. Criou uma religião a sua semelhança. Catolicismo gostoso, com bargas concessões profanas. Com foguetes e festas do divino. Com

processos e novenas de São Heleth, sobre o negro lirica de rei nas lumbrosas da festa do Congo. D. que é. Não vamos lutar um isso. Nação de discordancias nesse ponto. Já temos muita veterinaria religiosa; rezas de curar histeria, etc. Tudo resolve. Cabeu na mesma fé os rituais da natureza e da missa do galo. Os santinhos do escapulário e a uniaquitan. Põe-se ate, si vocês quiserem, amentar o santoral brasileiro: Nossa Senhora das Cobras, Santo Antonio das Moças Tristes, Virgem Maria das Medetas. O colorido não gasta muita fé em promessas de recompensas para depois da morte. Ele prefere aqui mesmo, no formula do "quero gozá", de Oswald Costa. Respeita o padre e a policia, quando é preciso. O final de contas o que nos separa do catolicismo eugenisista é a bacia, o latim, o sermão, o Santo Officio e o sinal da cruz. A propria comunhão, em ultima análise, não é mais do que um avel de antropofagia acovardada num simbolo.

III) — De tudo isso se conclue que a antropofagia é a revolta da superioridade recalcada durante quatrocentos annos. A reacção do paisagem contra o tempo. Do nativo contra o importado. Do ingenuo contra o artificial. Da claridade natural contra a sombra da filosofia. Da terra (que é massa), contra a estranja (de outros) ou o infidelo (sem dono). Da sensação espontanea contra a moral, a disciplina, o sistema. Da inferioridade do mestiço que traba-

lha, contra a superioridade do ariano corroido pelo Vicio e pela moleza das decendencias. O Brasil precisa voltar ao seu ciclo elementar e ao predomínio dos sentidos. Criar por si mesmo a edade do instinto de que o exilaram. (Clovio de Gusmão). "Somos o fruto de uma deformação inquisitorial, produzida pelo portuguez quinhentista pela viciosa melioridade do padre Vieira, afirma Oswald de Andrade. — Mas a falsificação do nosso tipo nativo havia de acabar — romo acabou — pela revanche da sua integral antropofagia. E dali essa reivindicação do espirito natural a que se poderia ebanar o movimento do homem, paralelo ao movimento da terra." A antropofagia, corrigiu a impossibilidade do fechamento dos portos pelo mais ingenuo e brasileiro processo nacionalizador que é esse da assimilação das qualidades. So a comunhão antropofagica resolverá o problema da formação da lingua brasileira e do Brasil brasileiro. Sem roupiagens. Sem artificios. Cheio de arestas e de personalidade. Porque o indio despido é a imagem decisiva do ingenuo, do sincero, do realment justo. É a expulsão de todos os alornos que sobravam. E que, por isso mesmo, não fazem falta. É a fisionomia que se caracteriza por si mesma. Agrestia. Barbaria. Como a propria terra. Mas a terra boiando nas lendas da cobra grande e ainda com aquele imaginario fio umbelico que a prendia ao Yperunguia que é o principio mais longe de todas as coisas.

Ano 375 da deglutição do bispo Sardinha.

de antropofagia

LE BON VIEUX TEMPS

(Especial pra nós)

Variations de la lumiere dans un sabot de corne Les nez en trompette jouent une marche funebre et les trefles à quatre feuilles annoncent le beau temps qui n'est qu'un cerveau d'enfant et des patois de canard comme au temps des cerises qui mangent du pain blanc quand il neige des oeufs sur le plat quand les pattes des nouelles marquent le pas en fabriquant des fauteuils de jardin Peine perdue Le sable préche à la porte des grands magasins où les rubans se font fleches de premier ordre ou les escaliers lui font contre des colliques hépatiques.

Les petits chiens vont bienlôt faire la guerre à la porte des dentistes qui n'en ont pas.

BENJAMIN PERET.

São Paulo, 31 — 3 — 29.

Quem não tem a coragem do seu sexo não tem coragem para coisa alguma. GALEAO COUTINHO.

ANTROPOFAGIA

Movimento do homem nacionalizando tudo o que a terra ainda não tinha podido nacionalizar. No Brasil não pode haver modernismo porque nós jamais atingimos a uma culminancia que nos ser reivindicada. Mas o predomínio da etnada mentalidade euclidea já jogou por terra a prosa besundinha e mole de Machado de Assis e os pastichos antonovieristas do nosso maior fantasma gramatical. Os escritores realmente brasileiros chegaram a conclusão de que nós precisamos tornar uma nova fala muito nossa. Formar uma arte toda nossa. Tudo fioso. Pau-brasil! E já foi mais ou menos dentro dessa finalidade que o nosso maior cerebro erador, Oswald Andrade, concebeu o movimento chamado Antropofagia. Antropofagia é a comunhão da carne para o aproveitamento das qualidades fisicas, intelethinas e moraes. É o movimento do "Homeo" nacionalizando tudo aquilo que a "terra" ainda não tinha podido nacionalizar. Clovio DE GUSMÃO

leiros chegaram a conclusão de que nós precisamos tornar uma nova fala muito nossa. Formar uma arte toda nossa. Tudo fioso. Pau-brasil! E já foi mais ou menos dentro dessa finalidade que o nosso maior cerebro erador, Oswald Andrade, concebeu o movimento chamado Antropofagia. Antropofagia é a comunhão da carne para o aproveitamento das qualidades fisicas, intelethinas e moraes. É o movimento do "Homeo" nacionalizando tudo aquilo que a "terra" ainda não tinha podido nacionalizar. Clovio DE GUSMÃO

LEIA SEMPRE ESTA PAGINA QUE SERA A SUA PAGINA EXPERIMENTE A SUA INTELIGENCIA

expediente da revista de antropofagia 4.º numero (2.ª denteição).

correspondencia para: Geraldo Ferraz caixa postal, 1269

atletismo o brasileiroinho passou remando firme na curva do rio com um livro de Nietzsche debaixo do braço e olhou de esguio pra uma alemãzinha gostosa que u mmulato magro espremia na margem esquerda do Tietê. julio paternostro

Matar não é jamais roubar. — De Peret.

PUTIRUM

Vamos lá pô putirum Putirum Putirum Eu vou lá comer tapioca Putirum Putirum

Casão das larinhadas grandes Caboclas trabalham nos ralos mastigando cachimbo Chia a careiroa nos tachos Mandioca-puba pelos tipitis

— Joanhina Vintem conta um caso. — Causo de quê? — Qualquerum — Vou contar causo do bôto Putirum Putirum

Amor chovi-á Chuveriseou Tava lavando roupa sózinha quando bôto me pegou

— O Joanhina Vintem Bôto era leito ou não? — Ai, era um moço loiro, maninha, tocador de violão

Me pegou pela cintura. — Depois o que aconteceu?

Gente, Olha a tapioca embolando nos tachos Mas que bôto safado Putirum Putirum Raul BOPP

(Outro pedaço de Cobra Noroto)

do marquez de Sade TODOS OS ESCRITOS DESTA PAGINA SAO INEDITOS. OS QUE NAO SAO A GENTE AVISA

"Agora pergunto si é justa a lei que ordena aqeele que nada tem, o respeito da propriedade daquele que tem tudo."

Era um Coligny, o alhoirante; Villegaignon, o pensamento protestante. E das brumas da nova terra foi surgindo a França Antártica. La Ravennière, Claude d'Abbeville. Era o entroccho de duas civilizações no desequilibrio de uma cultura.

Os francezes advertiram aos lusos a significação do novo paiz. E Portugal despertou numa tentativa sanguinolenta de expulsão. Os francezes almdonaram a terra.

Mas o espirito galico ficou e se insinuou na alma da nova gente que se estava caldeando. Dolorosa foi essa separação. Separação vital, tremenda!

Terminado um ciclo colonial, começou a comunhão do espirito franco-brasileiro. E o Brasil não poderia separar-se em espirito do claro genio dos gaulizes. E a nossa historia se sucede animada aqui e ali por um vulto de França. De seculo para seculo esse traço se atelganda. Mas se accentua. Em profundidade.

Uma explições antropofagica desvendam um mundo de significos. Oswald de Andrade viu a revolução Caralim maior que a revolução franceza. E necessitava no manifesto antropofagico que em nós a velha Europa não te-

ria sequer a sua declaração dos direitos do homem. "A unificação de todas as revoltas effiezes na direcção do homem." (Manifesto).

A America revelou a Europa o homem simples, o homem natural, integrado na sua maxima expressão de liberdade. E aqueles homens simples mandados do Brasil à corte de França, na coroação do Rei, estranharam que se dignificasse o homem fraco e mirrado, deixando a seu lado o homem forte que tudo pôde. (Historia de França). E esse reflexo do homem forte e simples impressionou o espirito dos filosofos. Montaigne é q que era uma mera suggestão, mais tarde se positivou numa campanha reivindicadora.

A enciclopedia refletiu esse espirito. Rousseau não poderia conceber o contrato social sem o exemplo do indio pela simplicidade logica dos aborigenes. E assim se explica a ligação filosofica da França elema ao Brasil novo e misterioso.

O "surrealismo", que um momento comunicou ao espirito francez a mais intensa vibraçã, já existia no Caralim como num estado latente.

Peret.

Non tudo que cresce é mole — Peret.

historia do brasil em 10 tomos

a Rocha Pombo

I Portugal vin por acaso a terra escondida e se apossou dela. A gente lusa desorientada não face daquelle impressivo não pôde imaginar a que era aquela terra. Uma ilha perdida no mar inenito. Mas se apossou e comunicou o feito no venturoso Manuel, todo contente no sonho grandioso das conquistas bravas da sua gente, que já havia trazido o grafico para os laios do Indico.

E agora um neaso lhe trazia a nova lre mais uma façanha que foi alem da imaginação dos discipulos em Sagres.

Na frota cabralina viajava um escriva a solo para relatar incidentes tormentosos e morosidade daquelas jornadas à aventura. E relata o que viu. No seu memorial lhe posse falou da terra com terruras molengas. A terra era deslumbrante e fresca. Ele viu logo que ella "era boa e ferosa". E deu-se pressa de acrescentar que "em se plautando dar-se-á nela tudo".

Os homens de terralem, muito

pedição e armados de morriões e roleiros enfrentaram as aguas marinheiras ainda povoaas de assombrações. E tentaram encher a terra de gente, mas ella era muito grande de mais. Portugal era despojado. Não tinha o habito da colonização. E começou a manlar a sobra da gente para a ilha estranha. O novo coudenada. Porque a terra era longinqua e o mar crespendo ameaçava.

Os anos se passaram e a gente lusa reciossa lre se abeirando de um litoral sem fim e a pouca e pouco foi se estendendo para o centro. E de lado a lado aquella gente peregrina a grande terra sem se aperceber do seu lumbalio e o que significavam tantas extensões, enorres e misteriosas.

D. João venhuello Juizo como uma suggestão de futuras grandezas.

Louçea um novo ciclo. Era a primeira expressão economicida que surgiu. III E vindo que mesca dessa nova

descolerth uma tentativa de comercio, os civilizados traficaram, transportando para as estranhas apela mercaderia. Mas sem medido, seu grande euiljo, os lusos não souberam tirar os proveitos que poderiam advir desse negocio de tão boas perspectivas.

IV O Brasil foi descoberto a segunda vez pelos francezes.

V Foi então quando os iniciados em Dieppe viram e compreenderam. Aquella terra nova e reneçada a uma colonização deficiente era um paraizo de promissão. E se fizeram ao longo para a coligã das grandes civilizações.

VI Os primitivos donos sem se aperceberem do valor e grandezza da terra pouca importancia deram nos novos dominios conquistados. O dominio lusitano não poderia interessar aos francezes, por isso que era desinteressante e aspero. E transpor os mares era uma empreza arrojada demais para tentar qualquer commercio sistematico. E assim os anos dobraram e a colonização franceza tomou caracter mais sério.

VII Enquanto Portugal nos enviava os seus colonos, da França vinham até nós os seus melhores cavallheiros. Fez D. João Tronim

moguem

I — Aperitivo

Alguns espiritos garrulos estão alarmados com a Freguça que o livro do sr. Paulo Prado está gravissando em todo o paiz. E atribuem o fato a mera patriótica da nossa gente. E inventa. O que está reagindo contra o livro do sr. Paulo Prado é a intelligencia nacional. O livro é ruim, não vale um caraco, está cheio de injunthias e inverdades e é, sobretudo, indigno do espedantismo e promissor talento do escritor magnifico de "Paulistina" e outras belezas de observação errada em excelente estado de saúde.

O sr. Paulo Prado é, não ha dúvida, um artista, mas um artista romantico, sofrido, que ainda amadida na beemide luminosa, na claridade da acle e nos bons costumes portuguezes. E o seu espirito a margem do sentido, amido, ingenuo, prolozo, incapaz de deixar com a canela do proximo. A simplicidade com que ele se refere, cheio de humor, ao peccado sexual e aos "vicios nefandos" do indio não é fingida, é sincera, e isso é o que faz pena. Na epoca de Freud, ele se fantasia de visador do Santo Officio, toma da palmatória, abre o ateismo e prega moral ao lippidido da fazureza, insistindo em meter na encaixa dele o desesperto do europeu pódre de civilização.

O sr. Paulo Prado teve um tio cujo amor gloria lui figurar como personagem principal num livro romanesco portuguez. Que le a pua a familia Dalil por diante do sr. Paulo Prado, que era um interessante rapaz, se perleu infelizmente. Anadon assim: sentido de conquistista "espiritual" do roupa — simples instrumento de dominação politica da Contra-Reforma — não compreendeu o aspecto essencial da acção formidável do bandeirante — o politico-economico — não percebeu a nossa inquietude incessante a luta homérica de libertação que a Antropofagia identificou. Não vale um suspiro a sua historia. Era um bom archivista. Fallava-lhe capacidade filosofica.

Para acreditar servilmente em Capistrano — n que talento inimitavel — o sr. Paulo Prado cometen aquelles absurdos merceis de atribuir ao ouro e a lustraria todos os nossos excessos infantis. Para o sr. Paulo Prado então não existe o interesse economico? Que bobagem! Mas ainda existe, porventura, mesmo depois de Freud, o "peccado sexual"? Outra bobagem!

An ludo disso, o livro é de uma ingenuidade pasmosa. Fetas de cronistas são tomadas como rixionistas verdadeas e passam como lumbarys pelas malhas grossas do critico pouco perspicaz. Dahi resultou a falsidade do "retrato do Brasil", tirado, naturalmente, com aquelles velhissimas buchucas de apertar na borraelinhica que usam os fotografos de mil e quinhentos a duzia, do Jardim da Luz.

A reição, pois, que espanta e indigna os espiritos garrulos é natural e justa. Um mau livro — principalmente quando "bem escrito" — não agrada a nenhum espedantismo, sermoneista. O indio presentido? O sr. Paulo Prado falando — depois de Havellock Ellis! — os limites do "normal". Do largo do Arouche até o largo do Paysandu é normal. Do largo do Paysandu em diante é anormal. Engracadosissimo. Tudo literatura. Tudo porque o sr. Paulo Prado bota a serião a sua noideupidade de scribido do personagem principal.

TAMANDARÉ Magista d'it! O sr. Tristão de Athyde, na sua ultima estrada de cobegem do "O Juiz", elucua a gente de "magista". Agora quando conteste-o o que a gente afirma, a pomenada mala na cabeça com um troufalho!

Magista d'it! Depois dizem que não somos doutrinarios!

— Gentes contemem o mundo mesmo antes de justificarem por uma demonstração rigorosa.

Pinard de la Boulaye - (O estudo comparado da Historia das Religões).

adour

Non tudo que cresce é mole — Peret.